

A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 5

PARA SEMPRE

mais um

DIA

SOPHIE LOVE

A Pousada em Sunset Harbor

Sophie Love

Para Sempre e Um Dia

«Lukeman Literary Management Ltd»

Love S.

Para Sempre e Um Dia / S. Love — «Lukeman Literary Management Ltd», — (A Pousada em Sunset Harbor)

A capacidade de Sophie Love encantar seus leitores é delicadamente trabalhada em poderosas e inspiradoras frases e descrições.. Este é o romance perfeito para ler na praia, com uma diferença: seu entusiasmo e belas descrições nos chamam a atenção, inesperadamente, para a complexidade não apenas do desenvolvimento do amor, mas do desenvolvimento da psique dos personagens. É uma recomendação deliciosa para quem ama romances e está em busca de um toque a mais de complexidade em seus livros. Midwest Book Review (Diane Donovan, sobre Agora e para Sempre) PARA SEMPRE E UM DIA é o livro 5 da série de romances A Pousada em Sunset Harbor, que começa com o livro 1, AGORA E PARA SEMPRE – que pode ser baixado gratuitamente! Emily mitchell, 35 anos, abandonou seu emprego, apartamento e ex-namorado em Nova York para se mudar para a casa abandonada do pai, no litoral do Estado do Maine, querendo uma mudança de vida e determinada a transformá-la numa pousada. Mas não esperava que seu relacionamento com o caseiro, Daniel, iria virar sua vida de cabeça para baixo. Em PARA SEMPRE E UM DIA, Emily está maravilhada por finalmente, depois de 20 anos, reencontrar seu pai desaparecido, apenas uma semana antes de seu casamento. O reencontro muda suas vidas, é a chave dos vários segredos da casa e das lembranças perdidas de Emily. A primavera finalmente chegou em Sunset Harbor, e faltando apenas uma semana para o casamento, os preparativos estão mais agitados do que nunca, incluindo a conversa surpresa de Daniel sobre uma lua de mel. Emily e Daniel terão o casamento dos seus sonhos? Ou alguém vai aparecer para separá-los? Enquanto isso, a luta pela guarda de Chantelle se torna mais difícil e, nos dias que precedem o Memorial Day, eles precisam descobrir o que fazer com a casa de Trevor. Ainda assim, em meio a tudo isso, surge outra questão na mente de Emily: será que um dia ela vai engravidar? PARA SEMPRE E UM DIA é o livro 5 de uma nova e eletrizante série que fará você rir, chorar e continuar virando páginas até tarde da noite: você vai se apaixonar pelo romance mais uma vez. O livro 6 será lançado em breve. Um livro muito bem escrito, que narra a luta de uma mulher (Emily) para encontrar sua verdadeira identidade.

A autora fez um trabalho incrível ao criar os personagens e descrever o cenário. O romance está presente, mas sem excessos. Parabéns à autora por este incrível começo de uma série que promete ser muito interessante. Books and Movies Reviews, Roberto Mattos (sobre Agora e para Sempre)

© Love S.

© Lukeman Literary Management Ltd

Содержание

CAPÍTULO UM	8
CAPÍTULO DOIS	21
CAPÍTULO TRÊS	25
CAPÍTULO QUATRO	28
CAPÍTULO CINCO	32
CAPÍTULO SEIS	35
Конец ознакомительного фрагмента.	36

PARA SEMPRE, MAIS UM DIA

(A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 5)

SOPHIE LOVE

Sophie Love

Sophie Love é a autora da série de comédia romântica A POUSADA EM SUNSET HARBOR, que já conta com sete livros (mais estão por vir), e que começa com AGORA E PARA SEMPRE (A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 1).

Sophie gosta muito de ler os comentários de seus leitores. Visite www.sophieloveauthor.com se quiser enviar-lhe um e-mail, receber eBooks de graça, saber das novidades e manter contato!

Copyright © 2018 por Sophie Love. Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA, publicado em 1976, nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, ou armazenada num banco de dados ou sistema de recuperação, sem permissão prévia da autora. Este eBook está licenciado apenas para uso pessoal. Este eBook não pode ser revendido ou doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este eBook com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada indivíduo. Se você está lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se não foi adquirido apenas para seu uso, por favor, devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho da autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Foto da capa: Phase4Studios, todos os direitos reservados. Usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS DE SOPHIE LOVE

A POUSADA EM SUNSET HARBOR

AGORA E PARA SEMPRE (Livro 1)

PARA TODO O SEMPRE (Livro 2)

PARA SEMPRE, COM VOCÊ (Livro 3)

QUEM DERA, PARA SEMPRE (Livro 4)

PARA SEMPRE, MAIS UM DIA (Livro 5)

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
EPÍLOGO

CAPÍTULO UM

“Pai?” Emily hesitou.

Olhou para o homem parado nos degraus da varanda; um homem que ela quase não reconhecia mais. Seus cabelos, antes pretos, estavam grisalhos. Uma barba rala por fazer no queixo. Rugas e sulcos cobrindo o rosto. Mas não havia dúvidas. Era o seu pai.

Ela ficou sem palavras. Mal conseguia respirar.

As rugas nas laterais dos olhos de Roy se aprofundaram quando ele sorriu. “Emily Jane”, ele falou.

Foi quando Emily soube que era real. Ele era real. Era o seu pai.

Ela correu o mais rápido que pôde e se jogou em seus braços. Imaginou esse momento tantas vezes, pensando em como se comportaria quando ele voltasse. Na sua imaginação, agiria de modo indiferente, frio, mostrando que havia passado por cima de tudo para não deixá-lo ver a dor que o seu desaparecimento lhe causara, nem o grande alívio que sentiu ao saber que ele estava bem. Mas é claro que a realidade foi completamente diferente. Em vez de parecer distante, abraçou-o como se fosse uma criança outra vez.

Ele era quente, sólido. Podia sentir que respirava com dificuldade por causa da emoção. Suas lágrimas vieram quase que imediatamente. Como se respondendo a isso, ela sentiu as próprias lágrimas rolares pelo rosto e pescoço.

“Você voltou”, Emily conseguiu dizer, com a voz embargada. Sentia-se pequenina e vulnerável e não escondia isso.

“Voltei”, Roy respondeu, soluçando profundamente. “Eu...”

Mas ele não conseguiu terminar a frase. Emily sabia instintivamente que a única maneira de concluí-la seria com um “sinto muito”, mas seu pai ainda não estava pronto para lidar com a torrente de emoções que aquela expressão iria desencadear. Emily também não. Ainda não estava pronta para ir àqueles lugares dolorosos. Só queria permanecer neste momento. Aproveitá-lo.

Perdeu a noção de quanto tempo ela e seu pai ficaram ali abraçados, mas sentiu uma mudança repentina na forma como ele a segurava, uma contração dos músculos, como se, de repente, ele se sentisse desconfortável. Afastou-se um pouco e virou o rosto para ver em que o olhar do pai se fixara: Chantelle.

A menina estava de pé na porta da pousada, com uma expressão surpresa, como se tentasse compreender a estranha cena diante dela. Emily podia ler as perguntas em seus olhos. Quem é este homem? Por que Emily está chorando? Por que ele também está? O que está acontecendo?

“Chantelle, querida”, disse Emily, estendendo a mão. “Venha aqui”.

Emily viu na hesitação dela uma timidez incomum.

“Não precisa ter medo”, acrescentou Emily.

A menina deu alguns passos. “Por que ele está me olhando assim?” sussurrou de tal forma que Roy pôde ouvir claramente.

Emily olhou para o pai. Seus olhos úmidos estavam arregalados, confusos. Ele enxugou o rosto.

“Você tem uma filha?” ele finalmente balbuciou, emocionado.

“Sim”, disse Emily, envolvendo Chantelle com um dos braços. “Bem, ela é filha de Daniel. Mas eu me considero mãe dela”.

Chantelle se agarrou a Emily. “Ele vai me levar embora?” perguntou.

“Ah, não, querida!” Emily exclamou. “Este é meu pai. Seu avô”. Levantou os olhos para o pai. “Vovô Roy?”, sugeriu.

Ele assentiu imediatamente. Parecia enfeitiçado pela criança, como demonstrava o brilho em seus olhos claros.

“Parece muito com ela”, falou.

Emily entendeu imediatamente o que ele queria dizer. Que Chantelle se parecia com Charlotte. Não admira que ele tenha achado que ela era filha de Emily; a própria Emily às vezes se esforçava para acreditar que não havia características genéticas de Charlotte expressas em Chantelle.

“Eu também vejo isso”, ela confessou.

“Com quem eu pareço?” perguntou Chantelle.

Emily sentiu que essa linha de raciocínio era demais para a criança. Preferiu mudar imediatamente o rumo da conversa. Apesar de se sentir como uma menina assustada, sabia que tinha que se recompor e assumir o comando.

“Alguém que conhecemos há muito tempo, só isso”, disse ela. “Vamos, vovô Roy precisa falar com o papai.”

O rosto de Chantelle se iluminou de repente. “Eu vou chamá-lo”. Então sorriu, entrando saltitante na casa.

Emily suspirou de alívio. Entendia por que seu pai ficara tão chocado com Chantelle, mas ver um estranho olhando para ela daquele jeito, como se ela fosse um fantasma, era a última coisa que a criança precisava.

“Ela não é mesmo sua filha biológica?”, Roy perguntou no instante em que a criança desapareceu.

Emily balançou a cabeça. “Eu sei, é incrível. Ela também é sensível como Charlotte. E doce. Engraçada. Criativa. Mal posso esperar para que vocês dois se conheçam melhor”. Sua voz então ficou presa, com o medo repentino de que Roy não fosse ficar, que esta talvez fosse apenas uma visita rápida. Talvez ela nem devesse saber que ele esteve aqui. Talvez o plano dele fosse evitá-la completamente, entrar e sair antes que a filha tivesse a chance de perceber que estava de volta, como nas visitas secretas em um carro batido que Trevor tinha testemunhado de sua janela de espionagem. Ela esfregou atrás da orelha, sem graça. “Quer dizer, se você tiver tempo”.

“Eu tenho tempo”. Roy assentiu, com um leve sorriso.

Então, Chantelle retornou, arrastando Daniel junto a si. Ele parou na porta e olhou para Roy.

“Vovô Roy?” falou, levantando as sobrancelhas, repetindo claramente a expressão que Chantelle tinha tão inocentemente retransmitido para ele.

Emily notou a maneira como os dois se olhavam e se lembrou de como Daniel havia lhe contado sobre quando era adolescente e precisava de um amigo, como Roy o ajudou a colocar sua vida de volta nos trilhos. Ela percebeu naquele momento que o retorno de Roy a Sunset Harbor era quase tão importante para Daniel quanto para ela mesma.

Roy ofereceu a mão para Daniel apertar. Mas para surpresa de Emily, Daniel pegou a mão dele e puxou-o num forte abraço. Sentiu um aperto estranho no peito, uma emoção peculiar que estava em algum lugar entre a alegria e a tristeza.

“Acho que você já conhece Daniel”, disse Emily, com a voz novamente embargada.

“Já”, respondeu Roy quando Daniel o soltou, passando o braço pelos seus ombros. Ele parecia dominado pela emoção, trilhando aquela linha tênue entre lágrimas de alegria e uma gargalhada de alívio.

“Vamos nos casar”, Emily acrescentou, meio sem jeito.

“Eu sei”, disse Roy, sorrindo de orelha a orelha. “Li seu e-mail. Estou muito feliz”.

“Não quer entrar?” Daniel perguntou a Roy, gentil.

“Se eu puder”, respondeu Roy, parecendo preocupado em não ser aceito de volta na vida da filha.

“É claro!” ela exclamou. Apertou a mão dele com força, tentando dizer-lhe que estava tudo bem, que ele era desejado aqui, aceito aqui, que seu retorno era, para ela, uma alegria.

A expressão de Roy era de alívio. Ele visivelmente relaxou, como se tivesse superado um obstáculo que o preocupava.

Enquanto caminhavam em direção à porta, ocorreu subitamente a Emily que a casa que seu pai havia abandonado há mais de vinte anos não era mais a mesma. Havia se transformado de uma casa de família em uma pousada. Ele ficaria com raiva?

“Fizemos algumas reformas”, ela falou rapidamente.

“Emily Jane”, respondeu seu pai com uma voz gentil e firme, “sei que você mora aqui. Que é uma pousada agora. Está bem. Estou muito feliz por você.”

Ela assentiu, mas ainda se sentia ansiosa ao vê-lo entrar. Chantelle abriu caminho e, um por um, entraram na recepção. Roy entrou por último, com um andar mais lento e mais rígido do que Emily se lembrava ao pensar no pai.

Ele parou no corredor e olhou em volta, de queixo caído. Quando viu a mesa da recepção, seus olhos se arregalaram.

“Esta é...?”

“A mesma que você vendeu para Rico?” Emily disse. “Sim.” A pousada tinha sido originalmente uma hospedaria antes de os proprietários a abandonarem. A história de Roy com a casa espelhava a dela em sentido inverso. Ele queria que este lugar fosse uma casa familiar, um paraíso para as férias de verão. Emily a transformou novamente em uma hospedaria, em um negócio.

“Eu não acredito que ele a guardou por todos esses anos”, disse Roy surpreso, ainda olhando para a mesa. Então voltou-se para Emily. “Lembra-se do dia em que eu a vendi para ele?”

Emily balançou a cabeça silenciosamente.

“Você estava convencida de que eu não deveria vendê-la”, disse ele com uma risada. “Colocava uma Barbie em cada uma das gavetas. Disse que era um hospital para suas bonecas”.

“Acho que me lembro”, Emily respondeu, um pouco melancólica.

“Rico foi muito gentil”, acrescentou Roy. “Ajudou você a ‘transferir’ suas ‘pacientes’ para outro local. Acho que você escolheu o armário embaixo da pia”. Ele também ficou um pouco melancólico e desviou sua atenção da recepção para as outras reformas. “A casa está incrível. Você fez um trabalho fabuloso”.

O tom de orgulho na voz dele fez o coração de Emily saltar de alegria. Este momento foi muito mais do que ela poderia esperar. Foi perfeito.

“Quer que lhe mostremos tudo?” ela perguntou.

Roy assentiu. Emily levou-o para a cozinha primeiro. De lá, puderam ouvir os sons dos cachorros latindo da lavanderia.

“Eu não sei o que comentar primeiro”, exclamou Roy, examinando a cozinha totalmente restaurada com seus eletrodomésticos e decoração retrô originais. “Esta reforma incrível ou o fato de você ter cachorros!”

“Esta é Mogsy e seu filhote Chuva!” Chantelle anunciou, abrindo a porta da área de serviço e permitindo que os dois cães entrassem correndo.

Os dois foram até Roy, cheirando-o e tentando lambe-lo seu rosto. O homem riu, as linhas finas ao redor de seu rosto se tornaram mais pronunciadas, estendendo-se para trás das orelhas.

“Normalmente, não os deixamos correr pela cozinha”, explicou Emily. “Mas já que é uma ocasião especial...”

Sua voz embargou quando a pontada de melancolia que ela sentiu mais cedo retornou. Estar com o pai não deveria ser “especial”; o fato dele ter ido embora foi o que mudou tudo.

Ainda agachado, ele olhou para a filha, cheio de arrependimento.

De repente, Emily sentiu uma onda de raiva. Algumas de suas feridas profundamente esquecidas estavam começando a se abrir de novo.

“Vamos para a sala de jantar”, ela disse rapidamente, não querendo que aquilo aflorasse.

Entraram na sala da grande mesa de carvalho. Imediatamente, Roy notou que a pesada cortina que outrora escondia a porta do salão de baile não estava mais lá.

“Você encontrou o salão de baile”, disse ele.

Alguma coisa naquele comentário irritou Emily ainda mais. Isto não era uma brincadeira de esconde-esconde. Sentiu o rosto corar.

“Encontrei. Restaurei. Logo me casarei nele”, disse ela, enquanto passavam pelo corredor de teto baixo e entravam no enorme salão de baile.

Ela notou a frieza em sua voz e respirou fundo para se acalmar.

“Bem, está lindo”, disse Roy, alheio à crescente raiva da filha ou ainda não disposto a enfrentá-la. “Fico surpreso pelo vitral estar tão bem depois de todo esse tempo”.

“O amigo de Daniel, George, renovou as janelas”, explicou Emily.

“George?” Roy disse, levantando as sobrancelhas. “Eu me lembro dele quando era deste tamanho”. Indicou com a mão a cintura para indicar a altura de uma criança.

Ocorreu a Emily que Sunset Harbour era mais a cidade do pai do que dela, que ele conhecia as pessoas daquele lugar melhor do que ela, que nos anos em que ele morara ali, plantara mais raízes do que ela podia imaginar. Uma nova emoção penetrou na complexa mistura de sentimentos que ela já tentava manter a distância: ciúme. Tentou ao máximo manter uma expressão neutra em seu rosto.

Subiram a escada e Emily mostrou a Roy a suíte principal, que já fora dele e de Patrícia, depois, supostamente, dele e de Antonia, quando ela o visitava, antes de finalmente se tornar sua e de Daniel.

“Está fantástico”, Roy exclamou. “As cores são tão vivas”.

Ele costumava gostar muito mais de cores escuras, nuances de carmesim e azul náutico que ela usara no quarto de hóspedes. O branco neve e o azul claro estavam muito mais próximos do gosto de sua mãe, e Emily percebeu pela primeira vez, ao olhar para o quarto, que seu estilo era uma mistura perfeita de ambos. A predileção de Roy por antiguidades podia ser vista na enorme cama, na penteadeira, na poltrona, e o minimalismo de Patrícia era notado no branco e nas cores claras. Emily sentiu como se estivesse olhando para o quarto de uma forma completamente nova.

“Meu quarto é o próximo”, disse Chantelle.

Emily ficou aliviada pela distração. Guiou Roy para fora do quarto e entrou no de Chantelle, onde ele sentou em uma maravilhosa poltrona decorada com animais que Emily havia comprado para a menina. Chantelle caminhou quase dançando pelo quarto, mostrando com orgulho sua estante de livros, seu guarda-roupa cheio de vestidos, sua pilha de adoráveis bichos de pelúcia e a parede em que pendurava suas “obras de arte”.

“Chantelle, seu quarto é lindo”, Roy disse amavelmente, e Emily se lembrou do jeito suave que ele tinha com as crianças, da gentileza com que falava com ela quando fazia parte de sua vida.

Chantelle sorriu com orgulho.

“Você preferiu não colocá-la no quarto que era seu e de Charlotte?”, ele perguntou. “A sala de jogos com o mezanino?”

Emily sentiu uma pontada de dor no peito ao ouvi-lo se referir ao quarto de sua infância. Ele o trancou depois da morte de Charlotte, forçando-a a trocar de quarto. Esse tinha sido o primeiro sinal, Emily percebia agora, que o pai dela não iria processar a morte de Charlotte, que a morte dela ia se tornar o catalisador para ele abandoná-la.

“Essa é a suíte nupcial”, Daniel explicou, assumindo o controle enquanto Emily permanecia muda. “O mezanino é ótimo para atrair hóspedes. Além disso, queríamos Chantelle perto de nós”.

A emoção estava ficando demais para Emily. Ela não tinha ideia de que era possível sentir tantas coisas complexas e conflitantes ao mesmo tempo. De repente, percebeu que, assim que aquele tour acabasse, assim que eles se sentassem na sala frente a frente, ela descontaria toda a raiva que estava sentindo em seu pai.

De repente, sentiu a mão do pai em seu braço, estabilizando-a, tranquilizando-a. Ela olhou em seus olhos azuis, viu a dor e arrependimento dentro deles, misturado com um alívio absoluto. Ele estava silenciosamente dizendo a ela que estava tudo bem, que entendia sua raiva. Ela não precisava ficar escondendo.

Eles caminharam pelo resto do andar, olhando alguns dos quartos de hóspedes para que Roy pudesse ter uma ideia da decoração. Ele parou brevemente ao lado da porta do escritório. A última vez em que esteve aqui, era duas décadas mais jovem, seu cabelo era preto em vez de cinza, seu corpo era mais magro e mais ágil em vez da pequena pança que agora estava acima de seu cós.

“Está do mesmo jeito”, Emily respondeu. “Eu não reformei”.

Ele assentiu, mas não disse uma palavra. Ela se perguntou se ele estava pensando sobre a miríade de documentos que havia trancado em sua mesa, aqueles que ela tinha lido. As cartas e segredos dele que ela havia descoberto. Emily sabia que não tinha como saber o que Roy estava pensando. O homem continuava a ser um mistério para ela, como sempre havia sido.

Foram para o terceiro andar e Roy demorou-se um pouco ao lado das escadas até chegarem na pequena varanda que havia no telhado. Será que ele lembrou daquela véspera de Ano Novo? Emily se perguntou. Aquela em que lhe disse para não ter medo, para abrir os olhos e ver os fogos de artifício? Ou ele tinha bloqueado todas aquelas memórias, como ela havia feito?

Chantelle mostrava, saltitante, todos os quartos vazios a ele. Ela parecia animada por tê-lo aqui e muito orgulhosa de lhe mostrar sua casa. Emily desejou poder se sentir tão leve quanto a criança, mas havia tanta coisa acontecendo em sua mente que a enchia de angústia.

“Estou realmente impressionado com o trabalho que você fez aqui”, disse Roy. “Não deve ter sido fácil reformar todas essas suítes”.

“Não foi”, Emily respondeu. “Além disso, só tivemos cerca de vinte e quatro horas para arrumar tudo. Mas isso é uma longa história”.

“Eu tenho tempo”, Roy sorriu.

Emily nem sabia como responder a isso. O tempo não era algo que ela podia desperdiçar com ele. Não conseguia mais confiar nos sentimentos do pai.

“Vamos para a sala de estar”, preferiu mudar de assunto, rigidamente. “Quer algo para beber?” Então, percebendo seu deslize em oferecer álcool para um alcoólatra, acrescentou rapidamente, “um café?”

Enquanto descia a escada, a cada passo Emily sentia sua raiva crescer. Odiava se sentir assim. Queria que esta fosse uma ocasião alegre, mas como, se ela tinha todo esse ressentimento dentro de si? Seu pai tinha que ouvir sobre a dor que lhe causou.

Chegaram ao corredor do andar de baixo. Daniel foi para a cozinha fazer o café enquanto Chantelle mostrava a sala de estar a Roy. Ele quase perde o fôlego quando viu a decoração, a maneira como Emily misturava estilos novos e antigos, a forma como ela incorporava a arte moderna e as peças de vidro Kandinsky.

“Este é o meu velho piano?”, ele perguntou.

Emily assentiu. “Contratei alguém para restaurá-lo, Owen, que toca aqui às vezes. Aliás, ele vai tocar no nosso casamento”.

Pela primeira vez, Emily sentiu um senso de triunfo. Mesmo sem ter morado por muito tempo em Sunset Harbor, Owen era alguém que seu pai não havia conhecido antes dela, por mais tempo que ela, ou que conhecia melhor do que ela. Havia pessoas aqui que eram só dela, que não estavam manchadas pelo desagradável passado que compartilhava com o pai.

“Owen me ajuda com o meu canto”, disse Chantelle.

“Ah, você canta?”, Roy respondeu. “Posso ouvir um pouco?”

“Talvez mais tarde”, Emily interrompeu. “Chantelle me prometeu que iria arrumar todos os seus brinquedos hoje”.

“Eu não posso fazer isso depois?” Chantelle choramingou.

Ela claramente queria passar mais tempo com o vovô Roy e Emily não podia culpá-la. Na superfície, ele era como um gigante gentil, um Papai Noel. Mas Emily não podia continuar colocando um sorriso fingido em seu rosto para sempre apenas por amor a Chantelle. Era hora dela e seu pai falarem como adultos.

Emily sacudiu a cabeça. “Por que você não faz isso agora, e aí terá o dia todo para brincar com o vovô Roy, ok?”

Chantelle cedeu, mas saiu do quarto pisando forte.

“Você abriu o bar secreto”, observou Roy, olhando para o bar renovado. Ele parecia impressionado com a maneira como Emily manteve a atmosfera do lugar da mesma forma que ele, uma homenagem ao passado. “Você sabe que é original”.

Ela assentiu. “Percebi que estava tudo como antes. Exceto as garrafas de bebida”.

Sem Chantelle para amenizar a situação, surgiu uma tensão entre eles. Emily apontou o sofá com a mão.

“Quer sentar?” Roy assentiu e se acomodou. Seu rosto estava pálido como se sentisse que o momento do acerto de contas havia chegado.

Mas antes que Emily tivesse uma chance, Daniel apareceu com uma bandeja com uma cafeteira, leite, açúcar e canecas. Ele a colocou na mesinha de café. O silêncio aumentou à medida que servia as bebidas.

Roy pigarreou. “Emily Jane, se você quiser me perguntar alguma coisa, tudo bem”.

Naquele momento, Emily perdeu a habilidade de permanecer educada e cordial. “Por que você me abandonou?”

A cabeça de Daniel se levantou com a surpresa. Seus olhos estavam tão arregalados que se pareciam com os pires. Ele provavelmente não tinha percebido que a alegria de Emily em ter Roy de volta também havia trazido sua raiva junto, que ela estava tentando conter a emoção durante o passeio pela casa. Então, se levantou.

“Acho que vocês precisam de um tempo para conversar a sós”, falou educadamente.

Emily olhou para o noivo. Parecia tão desconfortável ali, como se subitamente invadissem um assunto particular, e ela se sentiu um pouco culpada por ter mudado a conversa de forma tão súbita em sua presença, sem lhe dar a chance de se desculpar melhor.

“Obrigada”, ela falou, enquanto ele saía.

Então, voltou seu olhar para o pai. Roy parecia magoado por sua dor, mas respirava calmamente e olhava para ela com olhos gentis.

“Eu estava arrasado, Emily Jane”, ele começou. “Perder Charlotte me destruiu. Comecei a beber. Tive casos. Eu me afastei de meus amigos em Nova York até não aguentar mais ficar lá. Sua mãe e eu nos separamos, embora isso tenha levado tempo. Vim pra cá organizar minha vida novamente”.

“Só que você não fez isso”, Emily rebateu, com raiva. “Você fugiu. Você me abandonou”.

Podia sentir seus olhos se encherem de lágrimas. Os do pai também estavam ficando vermelhos e embaçados. Ele baixou os olhos, envergonhado.

“Eu estava ignorando as coisas”, disse ele com tristeza. “Pensei que podia fingir que estava tudo bem. Mesmo anos depois da morte de Charlotte, não me permiti sentir nada. Nunca entrei no quarto de vocês. Preferi te colocar em outro, não sei se você se lembra”.

Emily assentiu. Lembrava-se vividamente de seu pai bloqueando o acesso a algumas partes da casa, fazendo com que certas áreas fossem proibidas para ela quando vinha passar as férias de verão: o mirante no telhado, o terceiro andar, as garagens, seu escritório, o porão, até que ela esqueceu que eles existiam ou o que havia dentro. Lembrou-se de seu comportamento cada vez mais errático, sua obsessão em colecionar antiguidades que lhe parecia mais uma compulsão do que um passatempo, um sintoma de que havia se tornado um acumulador. Mas, além disso, lembrava-se da diminuição do contato, do modo como passava cada vez menos tempo com ele no Maine até os quinze anos e quando, num verão, ele simplesmente não apareceu para buscá-la. Essa foi a última vez que o viu.

Emily queria compreender o pai. Mas embora uma parte dela entendesse que ele era um homem destruído, que um dia sofrera um golpe forte demais para suportar, o tormento que suas ações lhe causaram não podia simplesmente ser explicado.

“Por que você não disse adeus?” Emily disse, as lágrimas caindo em torrentes por sua face. “Como você pôde simplesmente sumir assim?”

Roy também parecia estar sobrecarregado de emoção. Emily notou que suas mãos tremiam. Seus lábios estremececeram enquanto ele falava. “Eu sinto muito. Vivia atormentado por essa decisão”.

“Você vivia atormentado?” Emily gritou. “Eu não sabia se você estava vivo ou morto! Eu só podia imaginar, sem saber. Tem ideia do que isso faz a uma pessoa? Tive que pausar minha vida inteira por sua causa! Porque você foi muito covarde para dizer adeus!”

Roy sentiu as palavras da filha como vários socos no rosto, um após o outro. Sua expressão era de dor, como se ela realmente tivesse desferido golpes físicos sobre ele.

“Isso foi indesculpável”, ele disse, pouco mais que um sussurro. “Nem vou tentar me desculpar”.

Emily sentiu o coração disparar descontroladamente em seu peito. Estava tão furiosa que não conseguia enxergar direito. As emoções reprimidas durante anos estavam inundando-a com a força de um tsunami.

“Você pelo menos pensou em como isso me machucaria!?” ela exclamou.

Roy estava tomado de angústia, com o corpo todo tenso, o rosto contorcido de arrependimento. Emily ficou feliz em vê-lo assim. Queria que ele sofresse tanto quanto ela.

“Não no começo”, ele confessou. “Porque eu não estava no meu juízo perfeito. Eu não conseguia pensar em nada ou ninguém além de mim, em minha própria dor. Pensei que você estaria melhor sem mim”.

Então, ele se descontrolou, soluços começaram a agitar todo o seu corpo, que tremia de emoção. Vê-lo assim era como uma facada no peito. Emily não queria ver seu pai se despedaçar e desmoronar diante de seus olhos, mas ele precisava saber. Não haveria nenhuma mudança, nenhuma reparação sem que tudo isso fosse revelado.

“Então você pensou que indo embora estaria me fazendo um favor?” perguntou Emily, cruzando os braços contra o peito, para se proteger. “Você sabe como isso é doentio?”

Roy chorou amargamente com o rosto entre as mãos. “Sim. Eu estava doente naquela época. Permaneci assim por muito tempo. Quando percebi o mal que causei, já havia se passado muito tempo. Não sabia como voltar àquele ponto, como desfazer aquele sofrimento”.

“Você nem mesmo tentou”, Emily acusou.

“Eu tentei”, disse Roy, mas o apelo em seu tom irritou Emily ainda mais. “Muitas vezes. Voltei para casa em várias ocasiões, mas toda vez a culpa do que eu havia feito me dominava. Havia muitas lembranças. Muitos fantasmas.”

“Não diga isso”, Emily retrucou, quando sua mente foi tomada por imagens de Charlotte assombrando a casa. “Não se atreva”.

“Sinto muito”, repetiu Roy, ofegando de angústia.

Ele baixou os olhos para o colo, onde suas velhas mãos tremiam.

Na mesa em frente, as canecas de café estavam esfriando.

Emily respirou fundo. Sabia que seu pai estava deprimido - ela encontrou a prescrição de antidepressivos entre os seus pertences - e que ele não era ele mesmo, que a dor estava fazendo com que se comportasse de maneira imperdoável. Não deveria culpá-lo por isso, e ainda assim não conseguia evitar. Ele a decepcionou demais. Abandonou-a com sua dor. Com sua mãe. Havia tanta raiva dentro do coração de Emily, mesmo sabendo que a culpa não tinha lugar ali.

“O que posso fazer para compensar, Emily Jane?” disse Roy, suas mãos em posição de oração. “Como posso começar a curar o dano que causei?”

“Por que você não começa preenchendo os espaços em branco?”, Emily respondeu. “Diga-me o que aconteceu. Aonde você foi. O que tem feito todos esses anos.”

Roy piscou, como se surpreendido pelas perguntas da filha.

“O que me angustiava era não saber”, explicou Emily, com tristeza. “Se eu soubesse que você estava seguro em algum lugar, poderia ter lidado com isso. Não tem ideia de quantos cenários eu

criei na minha mente, quantas vidas diferentes eu imaginei que você estava vivendo. Passei anos sem conseguir dormir por causa disso. Era como se minha mente não parasse de conjurar alternativas até encontrar a correta, mesmo que não houvesse como fazer isso. Foi uma tarefa impossível e inútil, mas eu não consegui parar. É assim que você pode me ajudar. Comece pela verdade, me dizendo o que eu não soube por todos esses anos. Onde você estava?”

As lágrimas de Roy finalmente diminuíram. Ele fungou, enxugando os olhos com a manga da camisa. Pigarreou.

“Eu divido meu tempo entre a Grécia e a Inglaterra. Construí uma casa em Falmouth, na Cornualha, no litoral inglês. É um lugar bonito. Tem falésias e paisagens maravilhosas. Tem uma cena artística fantástica lá”.

Que conveniente, Emily pensou, lembrando-se de sua obsessão pela arte de Toni, chegando até a pendurar um dos quadros dela na casa em Nova York que dividia com Patricia e da raiva que ela mesma sentiu ao perceber o quanto ele tinha sido descarado, o quanto havia sido desrespeitoso.

“Como pôde pagar por isso?” Emily desafiou. “A polícia disse que não havia atividade em suas contas bancárias. Foi uma das razões pelas quais achei que você estava morto”.

Roy estremeceu ao ouvir essa palavra. Emily notou o quanto ele se sentiu mal por ser confrontado com a dor pela qual tinha feito a filha passar. Mas ele precisava ouvir isso. E ela precisava dizer. Era a única forma deles poderem seguir em frente.

“Eu não vendi nenhuma das minhas antiguidades, se é isso que você quer dizer”, ele começou. “Deixei tudo isso para você.”

“Eu deveria agradecer?” Emily perguntou amargamente. “Um diamante não pode compensar anos de abandono”.

Roy assentiu com tristeza, absorvendo o peso de suas palavras furiosas. Emily começou a aceitar que ele estava reconhecendo a postura dela, que o pai não estava mais tentando explicar suas ações, mas preferindo ouvir a dor que elas lhe causaram.

“Você está certa”, ele disse baixinho. “Não foi o que quis dizer”. Emily ficou tensa. “Bem, continue”, ela disse. “Diga-me o que aconteceu depois que você foi embora. Como se sustentou?”

“No começo, eu vivia um dia de cada vez”, explicou Roy. “Ganhei dinheiro fazendo tudo que podia. Bicos. Reparos de automóveis e bicicletas. Pequenos consertos. Eu me encontrei fazendo e consertando relógios. Ainda faço isso. Sou um horologista. Faço relógios ornamentados com chaves escondidas e compartimentos secretos”.

“Claro que faz”, disse Emily, amargamente.

O olhar de vergonha voltou ao rosto de Roy.

“E quanto ao amor?” Emily perguntou. “Você já se resolveu?”

“Eu moro sozinho”, Roy respondeu com tristeza. “Vivo assim desde que fui embora. Eu não queria causar mais dor a ninguém. Não suportaria estar cercado de pessoas.”

Pela primeira vez, Emily começou a sentir empatia por seu pai, imaginando-o solitário, vivendo como um eremita. Parecia já ter liberado toda a dor que precisava, sentia que já o havia culpado o bastante para finalmente ser capaz de ouvir sua história. Uma onda catártica tomou conta dela.

“É por isso que eu não acesso nenhuma tecnologia moderna”, continuou Roy.

“Há uma cabine telefônica na cidade que uso para fazer minhas ligações, que são poucas e esporádicas. O correio local me avisa se alguém respondeu ao meu anúncio de horologista. Quando me sinto forte o suficiente, vou até a biblioteca e verifico meus e-mails para ver se você entrou em contato.”

Emily franziu o cenho. A última frase a surpreendeu. “Sério?”

Roy assentiu. “Tenho deixado pistas para você, Emily Jane. Toda vez que voltava para casa, deixava outra migalha para você encontrar. O endereço de e-mail foi o maior passo que dei, porque eu sabia que assim que você o encontrasse, ele forneceria uma linha direta entre nós”.

Emily percebeu então que essa era a razão para aqueles meses a mais de angústia pelos quais passou depois que soube que o pai ainda estava vivo e entrou em contato com ele. Seu pai não estava ignorando-a ou evitando-a, ele simplesmente não tinha visto o e-mail.

“Verdade?” ela perguntou com voz tensa, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. “Você realmente veio aqui assim que viu que eu tinha entrado em contato?”

“Sim”, respondeu Roy, quase num sussurro. Suas próprias lágrimas começaram a cair novamente. “Eu tenho esperado e desejado e sonhado que você entrasse em contato. Imaginei que um dia você voltaria a este lugar, quando estivesse pronta. Mas eu também sabia que você estaria com raiva de mim. Eu queria que o primeiro passo fosse seu. Queria que você fizesse contato comigo porque eu não queria me intrometer em sua vida. Se você tivesse seguido em frente sem mim, eu achava que seria melhor deixar como estava”.

“Ah, pai”, Emily falou, com a voz embargada.

Algo finalmente foi liberado dentro de Emily. Esta última confissão de seu pai era o que ela precisava saber o tempo todo. Que ele estava esperando por ela para entrar em contato. Ele não estava evitando-a, se escondendo, ele tinha deixado pistas, migalhas, confiando que assim que ela reunisse todas as peças daquele quebra-cabeça, tomaria sua própria decisão sobre perdô-lo ou não e permitir que ele voltasse para a sua vida.

Ela se levantou para abraçá-lo. Soluçou contra o ombro do pai, soluços profundos que sacudiam seu corpo. Roy a abraçou forte, tremendo também, com imensa tristeza.

“Me desculpe”, ele falou, com a voz abafada pelo cabelo dela. “Eu sinto muito, mesmo”.

Ficaram assim por muito tempo, abraçados, derramando cada lágrima que precisavam, espremendo até a última gota de dor. Por fim, o choro cessou. Veio o silêncio. “Você quer me perguntar mais alguma coisa?” Roy finalmente falou baixinho. “Eu não vou mais guardar segredos. Não esconderei nada”.

Emily se sentiu exausta de tanta emoção. Sentia o peito de seu pai subir e descer a cada respiração profunda que ele tomava. Ela estava tão cansada que podia adormecer ali mesmo em seus braços. Mas, ao mesmo tempo, ainda tinha um milhão de perguntas importunando sua mente, mas uma mais que todas as outras. “Sobre a noite em que Charlotte morreu ...” ela começou. “Mamãe me contou algumas coisas, mas ela só me deu um lado da história. O que aconteceu?”

Os braços de Roy se apertaram ao redor dela. Emily sabia que era difícil para ele se lembrar daquela noite, mas ela queria desesperadamente saber a verdade, ou pelo menos a versão dele. Talvez fosse capaz de juntar as três partes – a de Patrícia, a de Roy, a sua – e criar algo que fizesse sentido.

“Eu havia trazido vocês para passar o Dia de Ação de Graças e o Natal aqui. As coisas não estavam indo bem com sua mãe, então ela ficou em casa. Mas aí vocês duas pegaram uma gripe.

“Acho que me lembro”, disse Emily. Ela se lembrou de quando teve febre. “O cachorro de Toni, Perséfone, estava lá. Eu desmaiei no corredor”.

Roy assentiu, mas parecia envergonhado. Emily sabia o porquê; esse tinha sido um ponto decisivo em seu caso com Toni, o ponto em que ele tinha sido descarado a ponto de fazer com que a vida de sua amante e de suas filhas se cruzassem.

“Você se lembra de sua mãe aparecer sem avisar?”, Disse Roy.

Emily sacudiu a cabeça.

“Ela veio cuidar de você, já que você estava muito doente”.

“A mamãe nunca foi disso”, disse Emily.

Roy riu. “Não, é verdade. Talvez fosse uma desculpa. Ela suspeitava que eu estava tendo um caso e foi a maneira que encontrou de vir sem avisar e me pegar no flagra”.

Emily assentiu levemente. Esse era mais o estilo da sua mãe.

“Sua memória deve ter bloqueado a discussão, porque eu tenho certeza que nós gritamos tão alto que podíamos ser ouvidos até no porto”. Ele deu de ombros. “Eu não sei se foi isso que acordou Charlotte. Ela estava tomando um remédio que a deixava tonta. Vocês duas estavam. Mas ela acordou

e eu suponho que tenha ficado confusa nos procurando, ou estava apenas se sentindo mal e sob efeito da medicação. Acabou indo para o prédio anexo, onde estava a piscina. Suponho que você já saiba do resto”.

Emily sabia. Mas não tinha percebido como seu papel havia sido pequeno naquilo tudo. Ela não tinha culpa por não ter acordado quando Charlotte despertou, e não tinha culpa por não ter impedido a irmã de vagar sem rumo. Também não era culpada por falar sobre a nova piscina com tanto entusiasmo e por plantar na mente de sua irmã a curiosidade de vê-la. Ela estava doente, confusa, possivelmente até aterrorizada com a briga de seus pais. Nada disso tinha sido sua culpa. Nem um pouco.

Emily sentiu uma repentina sensação de alívio. Peso que ela nem tinha percebido que carregava sobre os ombros. Havia se apegado à culpa pela morte de Charlotte, mesmo depois de sua mãe ter esclarecido que ela não era culpada. Agora sentia como se seu pai tivesse lhe dado permissão para abandonar esse pesar.

Ela se aconchegou nele, sentindo uma nova sensação de paz.

Nesse momento, a quietude foi interrompida pelo som de leves batidas na porta. Daniel apareceu, tímido.

“Daniel, entre” disse Emily, chamando-o. Ela o queria perto, agora que ela e seu pai tinham colocado tudo para fora. Precisava do seu apoio.

Ele veio e se sentou na beira do sofá em frente a eles. Emily enxugou as lágrimas, mas continuou agarrada ao pai, encolhida como uma criança ao lado dele no sofá.

“Alguém precisa de alguma coisa?” Daniel perguntou suavemente. “Um lenço? Uma bebida forte?” Era exatamente o que o momento precisava para cortar a atmosfera pesada. Emily soltou uma risada. Ela sentiu a barriga de Roy reverberar com uma risada também.

“Eu aceito uma bebida”, disse ela. “Eu também aceito”, respondeu Roy. “O bar está abastecido?”

Daniel assumiu a liderança. “Está. Vamos. Lá é fantástico. Eu vou fazer alguns drinques pra gente.

Emily hesitou. “Pai, acha que é uma boa ideia?”

“Por que não seria?” Roy replicou, confuso.

Emily baixou a voz. “Por causa de seu problema com a bebida”.

Roy pareceu surpreso. “Que problema?” Então, seu rosto ficou pálido. “Patricia te falou que eu era um alcoólatra?”

“Você era um alcoólatra”, Emily respondeu. “Eu me lembro de você bebendo. O tempo todo.”

“Eu bebia muito”, admitiu Roy. “Nós dois bebíamos, sua mãe e eu. Essa era uma das razões pelas quais nosso relacionamento era tão volátil. Mas eu não era alcoólatra.”

“E quanto às gemadas que você tomava no café da manhã, no Natal?”, ela perguntou, lembrando-se de como seu pai tinha ficado irritado quando ela derrubou sua bebida.

“Isso era só no Natal!” exclamou Roy.

Outra parte do passado de Emily se refez. Ela foi enganada pela versão amarga e distorcida dos eventos dada por Patrícia, que obscureceu suas próprias lembranças do pai. Sentiu uma onda de fúria por sua mãe ter transformado Roy no vilão da experiência mais traumática de sua vida.

Entraram no bar secreto e se sentaram. Daniel começou a trabalhar nos coquetéis.

“Temos nosso próprio barman, que trabalha à noite”, explicou ele a Roy. “Alec. Ele é fantástico. Pelo menos, melhor que eu”.

Ele serviu uma margarita para cada. Roy tomou um gole.

“Está incrível”, disse ele. Então, um pouco tímido, acrescentou: “Você se tornou um jovem bom e educado”.

Emily sentiu o coração disparar. Ela sorriu, exultante finalmente, sentindo que tudo estava perfeito.

“Agradeço a você por isso”, respondeu Daniel, timidamente, sem olhar nos olhos de Roy. “Por me ensinar coisas que eu gostava. Pescaria. Vela”.

“Você ainda navega?”, perguntou Roy.

“Eu tenho um barco no porto. Restaurado graças a Emily. Gostamos de passear juntos de barco. Chantelle adora. Ela pesca muito bem”.

“Eu ainda navego muito também”, disse Roy. “Quando não estou trabalhando em um relógio, passo meu tempo no barco. Ou no jardim”.

“Você se lembra daquele dia em que me ensinou a cultivar uma horta?”, Perguntou Daniel.

“É claro”, respondeu Roy. Ele sorriu, lembrando. “Eu nunca vi um jovem tão rebelde e desleixado trabalhar tanto com uma pá”.

Daniel riu. “Eu estava ansioso por aprender”, disse ele. “Aproveitar a oportunidade. Mesmo que por fora parecesse que eu odiava o mundo”.

Emily achou estranho vê-los brincando e rindo. Havia muito menos mágoa entre os dois. Pareciam amigos. Daniel era eternamente grato pelo homem que lhe deu uma chance quando ele mais precisava, ainda que o mesmo homem tivesse desaparecido para ele também. Talvez tenha sido uma surpresa para Emily perceber o quão próximos eles já foram, sabendo, também, que o verão que passaram juntos fora um verão em que ela e o pai tinham passado separados.

O telefone dela tocou e ela viu uma mensagem de Amy, sobre a hora em que chegariam naquela tarde. Ela e Jayne tinham alguns negócios urgentes para resolver antes de ir, então chegariam mais tarde do que o planejado. Emily se sentiu culpada por ter esquecido completamente que as amigas estavam a caminho. Ficou tão envolvida com o pai que tudo o mais sumiu de sua mente.

Ela mandou uma mensagem de volta e depois voltou sua atenção para seu pai e Daniel. Eles estavam rindo mais uma vez, despreocupados.

“Estou tão feliz que o barco conseguiu suportar”, Daniel estava falando. “Quem diria que o tempo ficaria assim? Uma tempestade no meio do verão.”

“Foi falta de sorte” respondeu Roy. “Considerando que era o seu primeiro passeio de barco.”

“Bem, eu tive o melhor professor, então não estava com tanto medo.” Ele sorriu, seus olhos mergulhados na lembrança. “Obrigado por me ensinar sobre os barcos, a água e a vela. Eu não posso imaginar minha vida sem eles agora.”

Emily assistia enquanto Roy sorria junto com Daniel. Agora que havia liberado sua raiva, sentia uma enorme sensação de paz, de clareza. Deveria ter sido sempre assim. Seu pai conversando com seu noivo, desfrutando da companhia um do outro, ansioso para logo se tornar parte da mesma família.

Pode ter demorado um pouco, mas ela faria todo o possível para aproveitar essa nova fase.

*

Enquanto a noite avançava, Daniel fez outra rodada de coquetéis. Ele colocou um copo na frente de Emily, no momento em que seu telefone tocou.

“É Amy. Melhor eu atender”, disse ela.

“Amy? Do colégio?” perguntou Roy, levantando uma sobrancelha.

Emily assentiu. “Ainda somos amigas”, informou a ele. “Ela é minha dama de honra. Está ajudando muito com preparativos para o casamento”.

Emily saiu do bar para atender a ligação.

“Amiga, desculpe”, Amy começou. “A ligação demorou séculos e agora estamos exaustas demais para dirigir. Vamos ter que passar a noite aqui. Não nos odeie”.

“Tudo bem”, Emily disse, secretamente aliviada por suas amigas não interromperem o reencontro com seu pai.

“Vamos sair logo de manhã”, Amy acrescentou.

“Sinceramente, Amy, tudo bem”, “De todo modo, surgiram algumas novidades por aqui”.

“Que novidades? Sobre o casamento? Daniel? Sheila?” ela parecia preocupada.

“Não é nada disso”, explicou Emily. Então ela respirou fundo. “Amy, meu pai voltou”. Houve um silêncio prolongado. “O quê? Como? Você está bem?”

Emily não sabia como responder, e realmente não queria entrar em detalhes agora. Ainda não tinha absorvido tudo completamente. Precisava de tempo para “desembaraçar” suas emoções e compreender tudo.

“Estou bem. Falamos sobre isso quando vocês chegarem aqui.”

Amy não parecia convencida. “Ok. Mas se precisar de alguém para conversar, me ligue imediatamente. Te vejo amanhã.”

Emily terminou a ligação e voltou para o bar, para o riso alegre de Roy e Daniel. Velhos amigos do peito juntos novamente.

“Bem”, disse Roy, bebendo o resto do drinque. “Acho que é hora de eu dar o fora. Parece que você tem hóspedes para atender”.

Emily sentiu pânico ao pensar em Roy indo embora. “Eu tenho funcionários, eles estão cuidando de tudo. É bom para nós passarmos tempo juntos. Você não precisa ir.”

Roy notou que ela parecia apavorada. “Eu só quis dizer que talvez seja hora de me deitar. Dormir.”

“Quer dizer que vai ficar?” Emily disse, surpresa. “Aqui?”

“Se você tiver espaço.” Roy disse humildemente. “Eu não quero incomodar”.

“Claro que tem!” Emily exclamou. “Quanto tempo você planeja ficar?”

“Até o casamento, se não for um problema. Eu poderia ajudar um pouco com os preparativos, se necessário”.

Emily ficou surpresa. Não só seu pai estava aqui, como até estava planejando ficar por mais de uma semana! Realmente foi um sonho tornado realidade.

“Isso seria maravilhoso”, disse ela.

Subiram e instalaram Roy no quarto ao lado do escritório. Emily sabia que ele iria querer entrar lá em algum momento, provavelmente sozinho.

“Este quarto está bom?” ela perguntou. “Ah, sim. É muito bonito”, respondeu Roy.” Ao lado da minha escada secreta.”

Emily franziu a testa. “Sua o quê?”

“Não me diga que você não a encontrou”, disse Roy. Havia um brilho travesso em seus olhos, revelando seu flerte com a loucura, a espiral descendente que havia transformado sua natureza brincalhona, que gostava de mapas do tesouro, em um sigilo sombrio e cofres fechados com combinações ocultas.

“Você quer dizer a escada até a plataforma do telhado?” Emily perguntou. “Encontrei essa. Mas fica no terceiro andar”.

Então, Roy bateu palmas, subitamente entusiasmado. “Você nunca achou! A escada dos criados”.

Emily balançou a cabeça. “Mas eu vi as plantas da casa inteira. Seu bar secreto era o último cômodo escondido daqui”.

“Se algo está na planta, não está escondido!” exclamou Roy.

“Mostre-nos”, disse Daniel. Ele parecia animado, como quando o bar foi descoberto.

Roy levou-os ao seu escritório. “Você nunca se perguntou por que havia uma chaminé nessa parede?” Ele bateu, revelando um som oco. “Todas as outras chaminés ficam nas paredes externas. Esta é interna.”

“Nunca passou pela minha cabeça”, disse Emily.

“Bem, está aqui atrás”, disse Roy. “Se você não se importa, poderia me ajudar aqui, Daniel?”

Daniel prontamente obedeceu. Eles removeram o que Emily agora via ser uma parede falsa, forrada com papel de parede para se misturar ao resto da sala. E lá estava. Uma escada. Simples, não particularmente bonita de se ver, mas capaz de entusiasma-los apenas por existir.

“Eu não posso acreditar”, disse Emily, entrando. “Foi por isso que você escolheu este cômodo como seu escritório?”

“É claro”, respondeu Roy. “As escadas eram um atalho para os criados chegarem aos dormitórios sem serem vistos pelas pessoas da casa. Só vai daqui para o porão, onde os empregados dormiam antigamente.”

“E esta é a única maneira de entrar”, Emily afirmou, percebendo agora por que ela não tinha encontrado. O porão ainda continha cômodos inexplorados por ela, e o escritório de seu pai era o lugar no qual menos mexeu.

Roy assentiu. “Surpresa.”

Emily riu e sacudiu a cabeça. “Tantos segredos”.

Eles saíram do escritório e Roy entrou em seu quarto. Emily foi fechar a porta atrás dele, mas ele pegou sua mão e deu-lhe um beijo de boa noite.

Emily parou, atordoada. Seu pai não a beijava há anos, mesmo antes de ter saído de sua vida.

“Boa noite, pai”, ela disse apressadamente.

Fechou a porta e correu para seu quarto. Uma vez em segurança, Daniel imediatamente a envolveu em um abraço muito necessário.

“Como você está aguentando?” ele perguntou suavemente, gentilmente balançando-a em seus braços.

“Eu não posso acreditar que ele está aqui”, gaguejou. “Continuo pensando que isso é um sonho.”

“Sobre o que vocês conversaram?”

“Sobre tudo. Quer dizer, eu sei que ainda estou processando as coisas, mas foi catártico. Sinto que podemos esquecer toda a dor do passado e começar de novo.”

“Então essas são lágrimas molhando meu ombro são de alegria?” Daniel brincou.

Emily recuou e riu da mancha escura na camiseta de Daniel. “Opa, desculpa”, disse ela. Nem tinha percebido que estava chorando.

Daniel a beijou levemente. “Não precisa se desculpar. Entendo que isso vai ser difícil. Se precisar chorar, rir, gritar ou qualquer outra coisa, estou aqui. Ok?”

Emily assentiu, muito grata por ter um ser tão lindo em sua vida. E agora, com o seu pai, sentia que tudo estava realmente se encaixando. Finalmente, depois de tantos anos vivendo uma vida insatisfatória, sentia que agora teria a vida que merecia.

Faltava apenas uma semana para o casamento. E, pela primeira vez, com todos que ela amava à sua volta, sentiu-se realmente pronta.

Chegou a hora de se casar.

CAPÍTULO DOIS

Na manhã seguinte, Emily acordou mais cedo que o habitual, sentindo-se exultante. Desceu as escadas para fazer o café da manhã e preparou um banquete com ovos, torradas, bacon e panquecas, cantarolando alegremente o tempo todo. Daniel desceu com Chantelle um pouco mais tarde. À medida que o tempo passava, ela olhava para o relógio e foi ficando preocupada por seu pai ainda não ter aparecido.

“Por que você não bate na porta dele?” sugeriu Daniel, percebendo as razões por trás dos seus olhares furtivos para o relógio.

“Não quero incomodá-lo”, respondeu Emily.

“Eu faço isso”, disse Chantelle, saltando da cadeira.

Emily sacudiu a cabeça. “Não, continue seu café. Eu vou.”

Ela não tinha certeza por que estava tão preocupada em perturbar o pai. Talvez fosse o medo mesquinho no fundo de sua mente dizendo que ele não estaria lá quando ela batesse, que tudo se revelaria ser um sonho, no final das contas.

Aproximou-se do quarto com cautela e pigarreou, sentindo-se boba. Então, bateu na porta.

“Pai, eu fiz o café da manhã. Você está pronto para descer?”

Como não houve resposta, ela sentiu sua primeira onda de pânico. Mas tentou se acalmar. Roy poderia muito bem estar no chuveiro, sem ouvi-la.

Testou a maçaneta e encontrou-a destrancada. Abriu a porta e olhou para dentro do quarto. A cama estava vazia, mas não havia nenhum som de água corrente vindo da porta aberta da suíte, nenhum sinal de Roy.

Emily imediatamente desistiu de tentar conter seu medo, que a inundou de repente. Será que forçou muito a barra ontem à noite? Será que ele se sentiu desconfortável demais para ficar?

Saiu correndo do quarto e pelo corredor, e então desceu voando pelas escadas até chegar na cozinha. Ver o olhar assustado de Chantelle, que piscava para ela da mesa de café da manhã, foi a única coisa que a impediu de gritar por Daniel. Preferiu parar e se recompor.

“Daniel, você poderia me ajudar rapidinho?” disse Emily, tentando impedir que seu rosto desmoronasse.

Daniel levantou os olhos e franziu a testa. Evidentemente, podia ver através de seu sorriso engessado. “Com o quê?”

“Humm ...” Emily se atrapalhou. “Preciso levantar algo pesado.”

“Levantar o quê?” Daniel pressionou.

Emily disse a primeira coisa que veio à mente. “Rolos de papel higiênico.”

Chantelle deu uma risadinha. “Rolos de papel higiênico pesados?”

“Daniel”, Emily rebateu. “Por favor. Apenas me ajude aqui um instante.”

Daniel suspirou e se levantou da mesa. Emily agarrou seu braço e o puxou para o corredor.

“É o papai”, ela sussurrou. “Ele não está no quarto.”

Pela mudança na expressão de Daniel, Emily sabia que finalmente havia entendido por que ela estava se comportando de maneira tão estranha.

“Ele não deve ter ido embora”, Daniel assegurou-lhe, esfregando seus braços. “Provavelmente está no jardim”.

“Você não sabe se ele está,” respondeu Emily. Ela já estava cedendo ao pânico, começando a chorar.

“Vou olhar no quintal”, disse Daniel. “Você olha pela casa.”

Emily assentiu, feliz por alguém dizer-lhe o que fazer. Mal conseguia pensar de tanto medo.

Daniel saiu apressado da casa e Emily subiu as escadas, avançando os degraus de dois em dois. Verificou cada um dos quartos abertos, mas sem sucesso. Pela janela, podia ver Daniel no quintal, correndo. Sem sorte.

Então Emily teve uma ideia. Foi até o final do corredor e abriu a porta do escritório de Roy.

O cômodo estava escuro, as cortinas fechadas, mas a luminária da escrivaninha estava acesa, criando um efeito de holofote na superfície da madeira. Debruçada atrás, estava a silhueta inconfundível de Roy Mitchell, inclinado sobre alguma coisa, consertando algo.

Emily deu um enorme suspiro de alívio e apoiou-se contra a moldura da porta, deixando-a suportar seu peso enquanto a tensão deixava seu corpo.

“Ah, bom dia”, disse Roy inocentemente, olhando na direção dela. “Eu estava apenas consertando isto.” Ele ergueu um relógio cuco, com a porta traseira aberta. Fechou-a gentilmente e o cuco saltou pela frente. Sorrindo, ele o colocou de volta. “Agora está como novo.”

O pânico de Emily desapareceu e foi substituído pela felicidade com a mesma rapidez. Ver seu pai consertando coisas era tão familiar que chegava a ser estranho. Era como se ele sempre tivesse estado aqui. Aquela visão a deixou muito feliz.

“Quer tomar seu café da manhã?” perguntou Emily.

Roy assentiu e se levantou. Quando desceram juntos, Emily bateu na janela de onde podia espiar Daniel correndo pelo quintal. Ele olhou para o barulho e Emily mostrou-lhe um sinal de positivo. Ela observou os ombros dele relaxarem, aliviados.

Entraram na cozinha, onde Chantelle ainda estava tomando o café da manhã, alheia aos acontecimentos.

“Parece que você preparou um banquete” disse Roy, rindo, enquanto se sentava ao lado de Chantelle.

“Dormiu bem, vovô Roy?” Chantelle perguntou. Ela tinha adormecido na noite anterior enquanto arrumava seu quarto e só agora o via novamente.

Roy se serviu de um copo de suco. “Maravilhosamente, obrigada, minha querida. A cama era tão confortável quanto a que eu costumava dormir quando esta era a minha casa.”

Ao ouvir essas palavras, Emily sentiu uma súbita preocupação. A casa ainda era dele. Ela assumiu-a com o pressuposto de que ele estava desaparecido, presumivelmente morto, mas agora que esse não era mais o caso, ele legalmente tinha todo o direito de tirá-la dela.

Daniel entrou para se juntar ao café da manhã em família.

“Caminhada matinal?”, Perguntou Roy enquanto se sentava.

Os olhos de Emily e Daniel se encontraram, cúmplices. “Nada como o ar fresco do início da manhã”, disse ele com um toque de sarcasmo que Emily entendeu ser para ela.

“O vovô Roy estava me contando sobre quando esta era a casa dele”, Chantelle informou ao pai.

“Bem, na verdade ainda é”, explicou Emily. Ela olhou para o pai, preocupada. “Você a quer de volta?”

Roy começou a rir. “Deus do céu, não! Estou muito feliz por você ter tomado posse dela, filha. Não planejo voltar a Sunset Harbour.

Emily deveria ter se sentido feliz em ouvir a confirmação de que seu pai não estava planejando tomar a casa de volta, mas em vez disso sentiu tristeza ao confirmar que a presença dele aqui era apenas temporária. Não sabia ao certo no que estava pensando, nem se tinha pensado nisso, mas agora parecia muito difícil aceitar que ele a deixaria de novo.

Ela pegou sua toranja com um garfo e deu uma mordida amarga.

“Quanto tempo você vai ficar com a gente?” perguntou Chantelle de maneira inocente e infantil.

“Só até depois do casamento”, explicou Roy, com uma voz suave que ele parecia guardar apenas para Chantelle, uma voz que Emily se lembrava de ouvir quando tinha essa idade. “É por isso que estou aqui. Para ajudar nos preparativos.” Ele olhou para a filha. “Quer que eu ajude em alguma coisa?”

Emily ainda estava tentando entender o fato de que o aparecimento de Roy em sua vida seria breve e fugaz, que, mal ele havia voltado, já estava indo embora novamente. A última coisa em que conseguia pensar agora era na organização do casamento! E, de qualquer forma, ele estava um pouco atrasado para o jogo. Faltava pouco mais de uma semana para a cerimônia e praticamente a maioria das coisas já havia sido feita.

“Você pode ficar de olho em Chantelle quando eu estiver cheia de coisas para fazer”, disse Emily. “Se ela não se importar, é claro”.

Chantelle sorriu. “Podemos consertar a estufa de Trevor!”

Roy pareceu interessado. “Estufa de Trevor?”

“Trevor Mann, o vizinho”, Emily começou. E não pôde mais continuar. A dor pela morte de Trevor ainda era recente. Não sabia ao certo como explicar a situação. “Nós nos tornamos amigos recentemente e... bem, ele faleceu. E me deixou sua casa em seu testamento.”

Roy levantou as sobrancelhas. Emily poderia dizer, pela expressão em seu rosto, que a relação dele com Trevor tinha sido ruim.

“Trevor Mann deixou a casa para você?”, perguntou Roy, surpreso.

Emily assentiu. “Eu sei. Foi uma amizade improvável. Eu fiquei ao lado dele no final da sua vida”.

“Como ele morreu?”, Perguntou Roy, suavemente.

“Talvez não devêssemos discutir isso na mesa”, Daniel interrompeu, olhando para Chantelle, que tinha empalidecido.

Roy voltou toda a atenção para Chantelle. Seu tom de voz voltou ao ritmo calmo e paternal.

“Eu adoraria consertar a estufa com você”, disse ele. “Você pode ser a chefe e me dizer o que precisa ser feito.”

O rosto de Chantelle se iluminou instantaneamente. Queria muito conferir as árvores frutíferas desde a morte de Trevor, mas Emily sempre evitava isso, não estava pronta para abrir aquela ferida.

“Posso mostrar ao vovô Roy agora?” perguntou Chantelle, olhando primeiro para Daniel e depois para Emily.

Daniel fez um gesto para Emily, passando a bola para ela. Ela havia falado com o noivo tantas vezes sobre não estar pronta para entrar na casa, que ele achou melhor ela decidir, do que prometer a Chantelle algo que eles não poderiam cumprir.

“Claro, tudo bem”, disse Emily.

Ela estava um pouco relutante em pôr os pés dentro da casa do falecido, mas com seu pai e seus entes queridos apoiando-a, talvez não fosse tão doloroso quanto pensava.

*

Emily respirou fundo e virou a chave na porta da casa de Trevor. Ela se abriu, deixando sair o ar viciado, confinado há meses. O corredor estava escuro e Emily estremeceu, sentindo-se nervosa.

Entrou primeiro, liderando o caminho. Atrás dela, Daniel segurava firmemente a mão de Chantelle, acalmando a menininha.

Enquanto caminhava pelo corredor, não pôde deixar de lembrar trechos das conversas que compartilhara com Trevor. Quando viu a mesa onde costumavam se sentar para tomar chá, o pedaço do teto rebocado após uma tempestade atingir a casa, as lembranças voltaram com força. Em tudo, a casa a fazia lembrar de Trevor. Reformá-la um dia seria demais para ela.

“A estufa é por aqui”, disse Chantelle.

Emily se afastou e permitiu que a menina assumisse o comando. Todos a seguiram pelos fundos da casa e entraram pela porta de vidro da estufa.

Apesar de Trevor gostar de ficar sentado ali em suas últimas semanas de vida, o lugar estava em péssimo estado. Eles ficaram olhando ao redor, percebendo a enorme quantidade de trabalho que precisaria ser feito para que voltasse à sua antiga glória.

Chantelle pegou o bloco de notas e começou a fazer uma lista de tarefas. “Acho que precisamos de uma fonte”, disse ela. “Bancos para que possamos nos sentar e ler no verão. Um balanço também. Um lugar onde o papai possa fazer uma horta. E um jardim com flores.”

“Eu sei tudo sobre quais plantas crescem em quais estações”, disse Roy a Chantelle. “Posso ajudar você a escolher as variedades certas.”

Ele estava levando Chantelle muito a sério, o que deixava Emily encantada. O pai estava até carregando um bloco de anotações e uma caneta com penas cor-de-rosa, para escrever os suprimentos de que precisavam.

“Em que esquema de cores você está pensando?”, Perguntou Roy de maneira profissional.

“Amarelo e rosa”, disse Chantelle. “Ou arco-íris.”

“Excelente”. Ele anotou algo em seu bloco de notas. “Vamos precisar de vidros novos”, acrescentou. “Para deixar a estufa à prova d'água e mantê-la aquecida. Que tal irmos a um armazém de construção?”

Chantelle assentiu animada. “Podemos ir para a floricultura de Raj pegar as sementes das flores.”

“Você tem suas próprias ferramentas de jardinagem? Luvas? Avental?”

Chantelle disse que não com a cabeça. “Então, teremos que conseguir tudo isso também”, explicou Roy. “Todo jardineiro precisa de roupa apropriada. Você ficaria linda em um avental xadrez verde”.

Chantelle sorriu e Emily percebeu que estava sorrindo da mesma maneira. Ver seu pai criando vínculos com a criança era um momento que guardaria para sempre. Agradeceu a Trevor em silêncio por ter lhe dado um presente tão generoso, que permitiu que um momento tão lindo acontecesse.

Daniel bagunçou o cabelo de Chantelle. “Vamos. Vou levar você e vovô Roy até a cidade.”

Eles passaram pelo jardim de Trevor e pelos gramados, na direção da entrada da pousada, onde a caminhonete de Daniel estava estacionada.

“Você também vem, Emily?” perguntou Chantelle quando chegaram ao carro.

Ela abriu a porta de trás e ajudou-a a entrar. “Eu não posso”, explicou. “Minhas amigas estão chegando. Amy e Jayne. Você se lembra delas”.

Chantelle fez uma careta. Ela não gostou muito das amigas que Emily tinha em Nova York da última vez que vieram. Emily não podia culpá-la. Elas não eram tão carinhosas e calmas como o vovô Roy. Fechou a porta e Daniel ligou o motor da caminhonete.

“Divirtam-se!”, gritou, acenando para sua família.

Pode não parecer a imagem convencional de uma família, mas era sua e isso era o que importava para Emily.

Assim que viraram a esquina e sumiram de vista, Emily viu o carro de Amy aparecer do outro lado. De repente, lhe ocorreu que, apesar do dia anterior ter sido uma loucura, agora é que a loucura estava prestes a começar.

CAPÍTULO TRÊS

“Desculpe o atraso!” Amy exclamou enquanto saía do carro. “Eu quis muito resolver tudo em um dia, mas houve um problema com um de nossos fornecedores japoneses e demorou um século para resolver.”

“Um pesadelo de marketing”, Jayne acrescentou, saindo do lado do passageiro. “Combinado ao fato de termos de ficar em um hotel nojento de beira de estrada”.

“Estou feliz por terem chegado”, Emily respondeu, abraçando-as.

Amy abriu o porta-malas e começou a tirar várias sacolas. Emily observou que ela trouxe muita bagagem.

“Para que tudo isso?” perguntou, levantando uma caixa da parte de trás. Pesava uma tonelada.

“Coisas para o casamento”, respondeu Amy. “Amstras para esquemas de cores. Tecidos. Fragrâncias. Um monte de coisas”.

“Mas já está tudo organizado”, protestou Emily.

Amy revirou os olhos. “Você vai mudar de ideia várias vezes. Até o último segundo. Que tipo de amiga eu seria se não tivesse trazido algo para cobrir todas as eventualidades?”

Emily riu. Não conseguia se ver mudando de ideia, mas confiava em Amy. Além disso, sua amiga estava sempre mais feliz quando tinha um projeto, por isso havia se tornado uma empresária de sucesso ainda na adolescência.

“Cadê o gostosão?” perguntou Jayne.

“Você quer dizer, Daniel?” respondeu Emily, levantando uma sobrancelha. “Ele foi à cidade com Chantelle e meu pai. Foram comprar algumas coisas para consertar a estufa”.

“Seu pai, hein...” disse Jayne, balançando a cabeça com o que Emily reconheceu como descrença. “Nem acreditei quando Amy me contou. Eu não esperava por essa”.

Amy lançou-lhe um olhar penetrante.

“Que foi?” Jayne disse, defensivamente. “Só achei que ele estivesse morto.”

Então Lois apareceu para ajudá-las com as caixas. Arrastou duas ao longo da calçada e subiu com elas os degraus da varanda.

“Ela ainda está aqui?” perguntou Jayne em voz alta pelo canto da boca. “Eu pensei que você a tivesse demitido”.

Emily balançou a cabeça. “Fale baixo”, sussurrou.

Elas entraram e Lois fez o check-in. “Posso mostrar seus quartos e pegar algumas de suas caixas”, disse ela.

Amy pareceu impressionada. “Finalmente ela aprendeu a fazer seu trabalho!”, sussurrou para Emily enquanto Lois começava a arrastar algumas das malas para o andar de cima.

Emily se encolheu. Adorava suas amigas, mas elas às vezes podiam ser rudes e insensíveis.

“Preciso de um banho”, disse Jayne. “Pra tirar um pouco da sujeira do hotel decadente do meu corpo!”

Enquanto elas desapareciam no andar de cima para se acomodar e se refrescar, Emily ouviu a campainha tocar. Sabia que hoje seria agitado. Então, desceu os degraus e atendeu a porta.

Era uma jovem de óculos e cabelos negros encaracolados. Usava brincos e muitos colares de contas pendurados sobre um lenço com estampa indiana.

“Oi, eu sou Bryony”, disse ela confiante, estendendo a mão coberta de anéis.

“A amiga de Serena, da Universidade do Maine. Estou aqui para fazer o marketing do site.” Então, sorriu, mostrando uma lacuna entre os dentes.

“Claro”, disse Emily. “Entre.”

Bryony entrou, trazendo consigo um cheiro forte de incenso. Tinha um estojo para laptop pendurado em um dos ombros.

“Posso trabalhar na recepção?” perguntou ela, apontando para o lounge.

“Sim, é claro. Do que você precisa?”, respondeu Emily.

“Da senha de Wi-Fi”, respondeu Bryony. “Ah, e um café seria ótimo. Não vivo sem”.

“Então, somos duas”, Emily respondeu.

Emily foi buscar um café para Bryony, mas não teve muita chance de falar com ela porque a campainha tocou novamente. Teve que ir atender a porta.

Desta vez era um homem magro com calças de couro. Por baixo do chapéu fedora, dava para ver que ele tinha cabelos compridos. Usava óculos escuros. Ela sabia que alguns dos amigos de Daniel chegariam hoje, mas esse homem não parecia ser o tipo de amizade que o noivo teria.

“Posso ajudá-lo?” perguntou Emily.

“Eu tenho uma reserva,” disse o homem. Ele tinha um certo ar de superioridade, que emanava confiança.

Quando Emily o levou para dentro e foi para trás da recepção, ouviu sussurros vindo de algum lugar. Olhou para trás e viu Marnie, Vanessa e Tracey espiando por trás da porta da cozinha, rindo.

Quando Emily se virou, viu que o homem havia tirado os óculos de sol e, para sua surpresa, notou que seu rosto era muito familiar. Era o famoso cantor Roman Westbrook.

“Sr. Westbrook?” disse Emily, tentando manter a compostura, mas surtando ao mesmo tempo. Pensar que sua pequena pousada iria hospedar alguém famoso! Ela realmente tinha ido longe!

“Pode me chamar de Roman.”

Emily sentiu uma onda de animação percorrer seu corpo dela.

“O senhor reservou o nosso chalé por duas semanas”, observou ela, lendo em voz alta o que havia na tela do computador. Ela viu que Serena havia feito a reserva e se perguntou por que cargas d'água sua amiga não tinha lhe contado sobre o famoso cantor. Era improvável que Serena não soubesse quem era Roman Westbrook. Ela deve ter mantido em segredo especificamente para surpreendê-la.

Emily se virou e notou os dedos tremendo ao pegar as chaves do chalé. Atrás da porta da cozinha, viu Marnie, Vanessa e Tracey ainda observando, com olhos esbugalhados e risinhos. Emily sorriu para elas, com uma expressão ao mesmo tempo surpresa e animada.

Lois apareceu no topo da escada, após ter acomodado Amy e Jayne em seus quartos. Ela parou na escadaria e arregalou os olhos ao ver Roman Westbrook em pé no corredor.

Emily lutou arduamente para manter a compostura, voltando-se para Roman e sorrindo sua melhor expressão de recepcionista profissional. “Se quiser me acompanhar, posso mostrar-lhe seu quarto”.

Ela o conduziu pelo corredor e saiu pela porta principal, virando-se para olhar para trás e ver se Lois ainda estava congelada na escada. Vanessa, Marnie e Tracey tinham saído da cozinha, andando na ponta dos pés até chegarem o mais perto possível, dando risadinhas como um grupo de estudantes. Lois galopou pelas escadas e se juntou a elas, sussurrando animadamente por baixo da mão.

Emily guiou Roman até o chalé, seu coração vibrando toda vez que se permitia pensar em quem caminhava a seu lado. Quando ela chegou na porta, destrancou-a, um pouco desajeitada por causa da emoção, e gesticulou para Roman entrar.

“Está ótimo” disse Roman, examinando o chalé, satisfeito.

Emily sentiu-se empolgada ao saber que sua pequena pousada era boa o suficiente para uma estrela pop do calibre de Roman Westbrook! Parecia um sonho.

Mostrou-lhe o quarto, o banheiro e alguns eletrodomésticos que ele teria à disposição, beliscando-se o tempo todo, pensando, Será que eu acabei de mostrar à Roman Westbrook uma máquina de lavar e secar roupa / um forno / uma cafeteira? Isto é real?

Quando chegou a hora de entregar as chaves e seus dedos se tocaram, Emily sentiu os joelhos fracos, como se fosse uma adolescente. Não era todo dia que se fazia contato pele a pele com um famoso ídolo pop!

“Vou deixá-lo se acomodar”, disse Emily. “A pousada está sempre aberta para os hóspedes, então sinta-se à vontade para entrar quando quiser. Temos um bar e um lounge no interior da casa maior”.

Roman deu a ela um de seus famosos sorrisos.

Ela saiu da cabana, sentindo-se leve, como se estivesse andando nas nuvens, e correu de volta para a pousada para compartilhar a experiência com sua equipe.

Quando voltou, encontrou as quatro amigas ainda rindo.

Lois estava ao lado do computador. “Foi Serena quem digitou os dados dele”, anunciou. “Aposto que não disse uma palavra porque queria fazer uma surpresa.”

“Bem, funcionou”, Marnie riu, juntando-se a Lois. Então, apontou para o computador com entusiasmo. “Meu Deus. Ele ficará aqui por DUAS SEMANAS!”

“Isso significa que ele estará aqui para o casamento!” gritou Lois. Todas começaram a chorar e comemorar ao mesmo tempo.

“Eu me pergunto por que ele está na cidade...” disse Tracey.

“Não deve estar de férias”, acrescentou Marnie. “Ele poderia passar férias em qualquer lugar do mundo. Eu duvido que queira passar aqui.”

“Talvez ele esteja gravando seu novo álbum aqui?” imaginou Tracey.

“Em que estúdio de gravação?” exclamou Vanessa.

“Talvez ele esteja gravando um vídeo!” gritou Lois, ainda mais animada. “E todas nós poderemos ser figurantes!”

A campanha tocou novamente, mas elas estavam tão envolvidas na conversa que nem pareciam ouvir; pelo menos foi o que Emily pensou, pois nenhuma se moveu. Então, ela mesma se encarregou de atender a porta.

Com sua equipe feminina fazendo barulho ao fundo, ela abriu a porta e viu três homens de pé nos degraus. Corpulentos. Tatuados. De aparência rude, jeans desbotados e jaquetas de couro remendadas. Emily se perguntou se eles faziam parte da comitiva de Roman Westwood. Seguranças, ou algo assim. Certamente não pareciam estar aqui para absorver curtir a brisa do litoral.

“Posso ajudá-los?” perguntou ela.

“Estamos aqui por causa de Daniel”, disse um deles. “Ouvi dizer que ele vai se casar com alguém de Nova York!”

Então, começaram a rir.

“Somos seus amigos”, acrescentou um deles. “Os padrinhos dele”.

Emily sentiu o sangue sumir do seu rosto. Estes eram os amigos “do colégio”, de quem o noivo lhe havia falado? Os que ela insistiu que fossem convidados? Os que estariam na festa de casamento?

Abriu a boca para dizer-lhes para entrar, mas descobriu que estava sem voz. Tudo o que conseguiu emitir foi um guincho estridente e o mais fraco dos sorrisos.

CAPÍTULO QUATRO

Emily ainda estava lá, parada e boquiaberta como um peixe fora d'água, olhando para os homens tatuados que logo estariam em sua festa de casamento, quando viu a caminhonete de Daniel se aproximar.

“Deve ser o noivo!”, disse um dos homens tatuados, virando-se.

A caminhonete desacelerou até parar e Daniel saiu de um modo que não era familiar para Emily. Ela observou atordoadas enquanto os três homens desciam os degraus da varanda e “atacavam” Daniel.

Espero que não machuquem o rosto dele, ela pensou, encolhendo-se ao ver os velhos amigos se reunindo.

Finalmente, o rosto de Daniel ressurgiu da confusão de jeans e couro. Seu rosto estava corado, com um sorriso largo. A essa altura, Roy tinha aberto a porta do lado do passageiro e já estava na metade do caminho. Para surpresa de Emily, ele também sorria.

“Olha só, não é que vocês três cresceram?”, brincou seu pai.

“Este é Roy?” disse o primeiro homem.

“Eu disse que era aqui!” o segundo gritou, batendo o terceiro no peito.

“Foi há décadas”, o terceiro argumentou. “Como eu iria lembrar?”

“Porque foram as melhores férias que tivemos!” exclamou o primeiro.

Roy emergiu estendeu a mão. “Stuart?”

O homem assentiu. “Sim. E você se lembra de Clyde e Evan?” gesticulou ele primeiro para o homem com a barba ruiva e desgrenhada, depois para o homem mais baixo e obeso.

“Como eu poderia esquecer aquele fim de semana quando Daniel convidou vocês para pescar?” respondeu Roy.

“Foi ótimo”, acrescentou Evan. “Sabe, acho que não nos reunimos mais desde aquele fim de semana”.

“Então vocês são os padrinhos, eu presumo?” perguntou Roy.

Stuart deu um largo sorriso. “Claro que somos. É justo que os amigos mais antigos estejam na festa de casamento”.

“Mesmo se não nos vemos há mais de uma década”, acrescentou Evan.

“Vocês conheceram a minha filha, Emily?” disse Roy, apontando para onde Emily continuava a assistir, incrédula. “Eu nunca imaginei que Daniel se casaria com minha princesinha um dia!”

Agora foi a vez dos três amigos parecerem chocados. Olharam para Emily na porta, boquiabertos. Mas, em vez de parecerem envergonhados pelo engano, Emily percebeu que estavam satisfeitos. Eles eram claramente o tipo de homem que gosta de envergonhar os outros. Ela se encolheu interiormente.

“Esta é a patroa?” exclamou Clyde. “Ora, por que ela não disse logo?”

Ele riu e correu em direção a Emily. Então, puxou-a para um abraço de urso. Previsivelmente, ele fedia a suor.

Emily tentou manter a compostura. Mas por dentro estava em pânico. Não queria julgar Daniel pela escolha das suas amigas, especialmente se fossem velhos amigos de infância – crianças pequenas tendem a escolher seus amigos ao acaso – mas ela simplesmente não conseguia conciliar os quatro juntos. Aquilo era chegar perto demais do passado rebelde de Daniel. Um vislumbre do homem que ele já foi e poderia facilmente ter se tornado se não tivesse deixado o Maine para morar no Tennessee. Na verdade, ela deveria ser grata por ele ter escolhido esses três, já que a outra opção eram os amigos do Tennessee que conheciam Sheila.

Nesse momento, Chantelle desceu da caminhonete e olhou superficialmente na direção dos três homens. Mas não se intimidou. Estava acostumada a pessoas desconhecidas na pousada e certamente já viu muitos valentões como estes quando viveu no Tennessee.

“Vovô Roy, podemos começar a trabalhar na estufa, por favor?” ela perguntou.

“É claro”, disse Roy. Voltando sua atenção para Stuart, Clyde e Evan, acrescentou, educado como sempre: “Se os senhores me derem licença”.

Roy e Chantelle se ocuparam em descarregar a caminhonete de todos os itens que haviam comprado.

“Vou mostrar-lhes o lugar”, disse Daniel aos seus amigos.

Eles passaram por Emily e entraram na pousada.

Ela os observou entrar, ainda atordoada, ainda incapaz de conciliar Daniel com esses três homens corpulentos. Virou-se para segui-los até o interior da casa, a tempo de ver Amy e Jayne descendo a escada.

Stuart assobiou para as duas mulheres e Emily fez uma careta. Nenhuma de suas amigas era do tipo que deixava passar esse tipo de coisa. Nem mesmo Jayne, que geralmente adorava a atenção masculina. Com medo do que aquilo pudesse desencadear, Emily se adiantou para evitar o pior.

“Amy, Jayne”, ela quase gritou. “Vocês gostaram dos seus quartos?”

Amy apertou os olhos para encarar Stuart, mas teve que desviá-los para a amiga. “Sim. Obrigada, Em. Mas nós temos que começar a trabalhar. Temos muitas coisas a fazer.”

“Sério?” disse Emily com um gemido. Parecia que tudo o que vinha fazendo há semanas era planejar o casamento. Será que ainda havia algo a fazer? Mas, por outro lado, sair um pouco da pousada era provavelmente uma boa ideia. Quanto menos tempo gasto com os amigos de Daniel, melhor. “Ok”, aceitou ela. “Vamos sair daqui.”

Ela saiu apressada com elas antes que Daniel tivesse a chance de apresentar seus amigos. Pelo canto do olho, percebeu a expressão do noivo. Parecia irritado com o comportamento dela, por sua grosseria em não permitir que todos se conhecessem. Mas ela não conseguiu evitar. Se ele a tivesse preparado de alguma forma, talvez fosse diferente. No mínimo, ela poderia ter dito a ele para avisar aos amigos que não deviam assobiar para suas amigas, e alertá-las sobre algum comportamento do tipo. Mas, como sempre, Daniel escondeu dela alguns dos elementos mais desagradáveis de seu passado. E mais uma vez, aqueles vazios a incomodavam, fazendo-a duvidar do alicerce sobre o qual o relacionamento deles se apoiava.

*

Emily e suas amigas dirigiram-se para a cidade vizinha para ir a uma loja de perfumes que Amy queria conhecer há anos.

“Eles fazem a fragrância especificamente para a cliente”, explicou Amy enquanto dirigia. “Um perfume sob medida para uma mulher única.”

“Parece ...” Emily fez uma pausa. Ela queria dizer desnecessário, mas se conteve no último segundo. Em vez disso, terminou com um manso e pouco convincente, “... divertido”.

“Todo mundo faz isso hoje em dia”, acrescentou Jayne do banco de trás. “Seria simplesmente bizarro não fazermos também”.

Nitidamente animada com o passeio, Amy estacionou e depois conduziu Emily pelos ombros até a loja, quase saltitando.

A atendente cumprimentou-as com um sorriso caloroso. Emily ficou grata quando Amy assumiu a liderança. Não sentia muita vontade de interagir. Sua mente ainda estava presa aos amigos de Daniel.

“Tome”, disse Amy, colocando uma tira de papel perfumado sob o nariz de Emily. “O que você acha? Laranja sanguínea.”

Emily franziu o nariz. “Eu não acho que seja muito a minha cara.”

“Também acho que não,” disse Amy. Então, baixou a cabeça e começou a examinar outras opções de aromas.

“Você parece distraída,” Jayne falou para Emily.

“Desculpe. Estou apenas... pensando.”

“Não sobre fragrâncias, eu suponho”, perguntou Jayne. “Vamos, Em. Você sabe que pode me contar tudo”.

Emily balançou a cabeça. “Eu não quero falar. Não quero ser grosseira.”

Jayne encarou a amiga. “Sinceramente, este papel é meu. Eu sou a desbocada aqui. Duvido que você possa dizer alguma coisa que pareça grosseira aos meus ouvidos.

Então Amy agarrou o braço de Emily, passando um pouco de perfume em seu pulso.

“Cheira!” Ela exclamou com entusiasmo.

Emily fungou. A fragrância era fresca e floral. “Esta é bem melhor”, disse ela.

Amy sorriu. “Ok. Já sei. Tenho o perfume perfeito para complementar este.” Então, afastou-se novamente e juntou-se à atendente atrás do balcão enquanto remexiam animadamente as amostras.

“E então?” pressionou Jayne. Ela claramente não ia deixá-la escapar. Emily suspirou alto. “Tô pensando naqueles caras lá na pousada.”

“Os javalis que parecem não tomar banho há uma semana?”

“Sim, eles”, Emily respondeu. Ela mordeu o lábio. “Bem, são amigos de Daniel. Seus padrinhos.”

“Ai, Santo Deus!” exclamou Jayne com um suspiro teatral. “Eles estarão nas fotos?”

Emily sentiu suas bochechas queimarem. A resposta horrorizada de Jayne a fez sentir-se pior.

“Não gosto do jeito como ele esconde de mim essas coisas sobre o seu passado,” explicou Emily. “Eu nunca ia imaginar que seus melhores amigos eram assim”.

“Nem eu”, respondeu Jayne. “Pensei que alguns fossem do tipo lenhador bonitão.”

Emily afundou a cabeça nas mãos. “Eu devia ter deixado ele perguntar ao seu chefe”, ela respondeu, triste. “Prefiro Jack, com suas mãos manchadas de tinta, do que aqueles três.”

Amy veio com outro bastão de perfume, com um olhar concentrado.

Sem falar nada, agarrou o braço de Emily e passou a nova fragrância no pulso, em cima do primeiro. Amy cheirou. Franziu a testa. Cheirou novamente. Então sorriu.

“Acho que consegui,” disse ela.

Emily concordou, desanimada: “Sim, este é bom”.

“Você não gostou?” perguntou Amy.

“Não é isso,” interrompeu Jayne. “Emily conheceu os padrinhos escolhidos por Daniel hoje”.

Amy levantou uma sobrancelha. “Hã? Os amigos misteriosos de Daniel?”

Jayne agarrou o braço de Amy. “Você não vai acreditar. Eram aqueles três no lobby!

Os olhos de Amy se arregalaram. “Os que eu quase mandei para o inferno?”

“Exatamente”.

Amy olhou para Emily. “Ai, amiga. Eu sinto muito.”

Emily se encolheu novamente. Os amigos de Daniel eram broncos, mas ela estava revelando um lado muito desagradável da própria personalidade e das amigas. Sabia que estavam sendo críticas e mesquinhas. Mas não conseguia evitar.

“Olha”, disse Amy, assumindo a situação como costumava fazer. “Por que não vamos embora já que encontramos o perfume, e voltamos para a pousada? Podemos tomar alguns drinques com eles e com Daniel, bater um papo. E então podemos ir a fundo sobre o passado deles. Descobrir tudo. Quem são, o que fazem. Descobrir uma fofoca escandalosa”.

“São justamente as fofocas escandalosas que me preocupam”, Emily respondeu sombriamente. “Eu simplesmente não entendo como Daniel pode ser quem ele é com esse passado misterioso e esses amigos estranhos. Nada disso combina. Existe o jovem Daniel que odiava sua vida em casa, reprovava na escola e quase fugiu, e que era amigo daqueles três. E existe o Daniel do Tennessee,

aquele que gerou uma criança e bateu em um cara até quase matá-lo. Nenhum deles é meu Daniel. E isso me assusta.”

Amy tentou consolá-la. “Você só está estressada com o casamento. É normal. Todo mundo tem segredos do passado”.

“Mas nem todo mundo os esconde como o Daniel”.

“Ele só está envergonhado”, disse Jayne. “Eu estaria se aqueles fossem meus amigos!” brincou.

Emily queria deixar suas amigas levantarem seu astral, mas aquilo não estava ajudando. A ideia de todos eles sentados em torno de uma mesa conversando, sem mencionar o álcool adicionado à mistura, não parecia muito atraente para ela. Mas cedo ou tarde isso iria acontecer. Talvez fosse melhor acabar logo com aquilo.

“Ok, tudo bem”, disse Emily. “Vamos resolver logo isso”.

Amy pagou pelo perfume, trocando cartões de visita com a atendente, e então saíram da loja. As amigas de Emily uniram os braços aos dela, apoiando-a, como sempre, a cada passo do caminho.

“Não sei que tipo de pessoa eu seria sem vocês”, disse Emily enquanto caminhavam juntas de volta para o carro.

“Eu sei”, disse Amy com um brilho travesso em seus olhos. “Você seria uma pessoa muito menos cheirosa!”

CAPÍTULO CINCO

Aquela era uma mistura esquisita de pessoas, para dizer o mínimo. O único alívio que Emily sentia enquanto olhava para a estranha variedade de rostos ao redor da mesa da varanda era que seu pai e Chantelle não estavam aqui, já que estavam muito ocupados em seu trabalho na estufa.

A conversa era forçada e artificial. Nem mesmo a cerveja parecia ajudar.

“Então, como vocês se conheceram?” perguntou Amy, evidentemente tentando ser o mais simpática possível.

“Sou o amigo mais antigo de Daniel,” disse Stuart. “Eu o conheci na escola, lá atrás. Na época em que ele ainda se chamava Dashiell!”

“Quanto menos falar sobre isso, melhor, obrigado,” respondeu Daniel. Ele preferiu mudar o nome, igual ao do pai, quando ainda era muito novo.

“Eu entrei para a gangue no ensino fundamental”, acrescentou Evan. “Pegamos o Clyde no ensino médio.”

“Daí em diante, nos metemos em encrenca”, terminou Clyde. “Então, cada um seguiu um caminho diferente”.

“Mesmo assim, Daniel foi o único que se mudou para outro Estado,” acrescentou Stuart. “Talvez para ficar longe de nós”. Ele riu.

Emily refletiu. Talvez Daniel quisesse recomeçar longe de seu passado quando foi para o Tennessee.

“Nada como um casamento para reunir velhos amigos,” disse Clyde. “Bem na hora, Danny Boy”, disse Stuart, agarrando Daniel com força pelo pescoço. “Acabei de entrar em liberdade condicional”.

Emily tomou um grande gole de bebida. Então, sentiu Amy e Jayne se mexerem desconfortavelmente ao seu lado.

“Por que foi preso?” perguntou Jayne.

Amy e Emily fuzilaram-na com o olhar. Jayne estava nitidamente querendo puxar conversa e, com seu hábito de não pensar mais que um milésimo de segundo antes de falar, fez a pergunta que estava na mente de todos.

“Só por dirigir embriagado”, disse Stuart, encolhendo os ombros, como se não fosse nada de mais.

Emily começou a sentir muito calor. Ela puxou a gola de sua camisa.

“Ah,” disse Jayne, suspirando de alívio. “Eu estava preocupada, pensando que você ia dizer assassinato ou algo parecido”.

Clyde e Evan riram alto. Emily chutou Jayne sob a mesa.

“Ele já se safou dessa acusação,” informou Clyde a Jayne.

Os olhos dela se arregalaram, sem acreditar. “Sério?”

Clyde e Evan riram ainda mais alto desta vez.

“Não!” exclamou Clyde. “Mas você deveria ter visto a sua cara”.

Jayne não foi a única que não conseguiu entender a piada. O próprio Stuart parecia furioso.

“Olha quem fala, Clyde”, disse ele. “Eu não sou o único sentado nesta mesa que já esteve preso!”

Emily queria sumir. Esses caras pareciam completamente instáveis. Chega de descobrir os segredos deles; quanto mais revelavam, menos ela desejava saber.

“Vocês devem ter algumas histórias engraçadas sobre Daniel”, disse Amy, tentando acalmar a situação.

Daniel enrubesceu. “Ai, meu Deus, não, melhor não”.

Mas era tarde demais. Os rostos de seus amigos se iluminaram imediatamente.

“Que bom que você perguntou”, disse Stuart. “O que vocês, senhoras, gostariam de ouvir? Sobre aquela vez em que Daniel ficou bêbado pela primeira vez e acabou rasgando as calças, quando passou por uma cerca de arame farpado, ou sobre como ele perdeu a virgindade?”

“Nenhuma das duas”, disse Emily, sacudindo a cabeça, sentindo o pânico começar a se instalar. Daniel também parecia petrificado com a perspectiva dessas duas histórias serem contadas.

Stuart cutucou Emily. “Não me diga que vocês ainda não contaram um ao outro todos os seus segredos obscuros?”

O constrangimento de Emily aumentava cada vez mais. Talvez fosse porque o passado dela era tão difícil e lamacento que não havia forçado Daniel a se abrir mais sobre o dele, mas ela estava começando a se arrepender disso agora. E se as duas histórias fossem tão horríveis a ponto de fazê-la perder toda a vontade de casar com ele?

“Havia uma garota chamada Astrid”, começou Stuart.

Daniel enterrou o rosto nas mãos.

“Os olhos deles se encontraram”, continuou Stuart. “Foi amor à primeira vista. Ela se aproximou. Daniel não acreditava em sua sorte. Então, ela disse as palavras que atearam fogo em seu coração. 'Posso pegar seu transferidor emprestado?'”

“Espere”, disse Emily, franzindo a testa. “O quê?”

“Foi na aula de matemática!” Stuart alinhavou, triunfante. “No quinto ano”.

Daniel enrubesceu.

Jayne parecia confusa. “Eu achava que você ia contar como Daniel perdeu a virgindade”.

“Estou chegando lá,” disse Stuart. “Então... adiantando, o quê, cinco, seis anos? Daniel teve essa patética atração por Astrid a vida toda e finalmente juntou coragem para convidá-la para o baile”.

“O resto é história”, disse Clyde, piscando. “Quanto tempo vocês ficaram juntos, afinal? Quatro anos?”

Daniel assentiu tenso. “Quatro e meio, por aí”.

Emily gelou OU sentiu seu corpo gelar. Daniel nunca havia mencionado o nome Astrid. Agora foi revelado que ela foi seu primeiro amor? Uma garota por quem ele foi apaixonado por anos? Ela não queria se comparar a uma adolescente do passado, mas parecia que ela havia sido mais do que apenas seu primeiro amor para ele. Parecia que seu relacionamento com Astrid havia sido longo e importante. Mas ele não mencionou nada.

“Suponho que vocês não mantiveram contato?” perguntou Stuart.

Daniel balançou a cabeça.

“Que pena”, disse Stuart. “Ela era ótima. Eu meio que pensei que vocês dois voltariam a ficar juntos em algum momento.”

O rosto de Emily deve ter ficado pálido, porque ela sentiu Amy apertar sua mão sob a mesa, confortando-a.

“Agora, o que eu quero saber”, disse Clyde, “é o que as senhoras planejaram para a despedida de solteira?”

“Não vai ter festa”, disse Emily. “Daniel e eu decidimos não fazer festas do tipo”.

“Hã-han”, disse Clyde, olhando para Daniel. “Dominado.”

Emily franziu a testa. “O quê?”

Daniel parecia culpado. “Eu não tive a chance de te contar,” disse ele. “Os rapazes decidiram me dar uma despedida de solteiro surpresa. Nós vamos viajar no fim de semana”.

Emily não conseguia nem falar. Tudo o que podia fazer era piscar.

“Vamos pegar a estrada”, disse Clyde. “Visitar as melhores boates de strip que o Maine tem a oferecer”.

Emily podia ver Amy fechando os punhos de raiva, ao seu lado. A própria Emily sentiu todo o sangue saindo de seu rosto. Com sua visão periférica, podia ver a expressão preocupada de Daniel.

De repente, os três homens caíram na gargalhada.

“Ah, deveriam ter visto a cara que vocês fizeram!” exclamou Evan.

“Na verdade, não vamos para boate nenhuma”, Stuart falou, rindo. “Nós vamos caçar!” Agarrou Daniel pelo pescoço novamente e puxou-o, num tipo grosseiro de abraço sufocante. “Partimos na sexta-feira de manhã”.

Emily tinha ouvido o suficiente. Não aguentava mais continuar sentada ouvindo aquilo. Seus pensamentos estavam cada vez mais caóticos e seus nervos estavam desgastados. Passou o dia todo tentando não surtar, mas agora não conseguia mais segurar. Ela se levantou de repente, fazendo a mesa balançar por causa da pressa, e entrou correndo na pousada.

CAPÍTULO SEIS

“Emily. Emily, espere!”

Ela parou no corredor, ouvindo o tom suplicante de Daniel, que veio atrás dela. Quando a alcançou, tocou seu braço com uma mão hesitante.

“Sinto muito,” disse ele. “A piada de stripper foi longe demais. Vou conversar com eles.”

Emily levou-o para a sala de estar, longe dos ouvidos curiosos, e fechou a porta. Então, encarou o noivo, finalmente, e viu a expressão séria em seus olhos. Os amigos de Daniel não eram um reflexo dele, ela sabia disso, mas também não podia evitar seus sentimentos contraditórios, aqueles dizendo-lhe que, de alguma forma, eles eram.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.